



OBSERVATÓRIO ANTROPOLÓGICO EM TEMPOS DE PANDEMIA: COLHEITA DE FLORES “CAVADA À UNHA” ENTRE AS ESTRADAS QUE CRUZAM A UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Anthropological Observatory in times of pandemic: harvesting flowers “collected with great struggle” between the roads that cross the Federal University of Paraíba

Heloisa Wanick

Doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFPB), Brasil.

Email: helowanick@gmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 2, n. 10 – Número Especial, p.160-169, outubro 2020

ISSN 2447-9837

RESUMO:

Os impactos da covid-19 são evidentes nas mais diferentes esferas das sociedades, ainda que de forma desigual. Para além da corrida científica na busca da cura pela doença e por formas de minimizar seus efeitos, impõem-se desafios de enfrentamento aos afetos e às dificuldades cotidianas. Assim, esta narrativa tem como objetivo partilhar reflexões sobre o chamado para a reinvenção, tão comum em tempos de pandemia, tomando como foco a experiência de participação no projeto de Extensão Universitária “Observatório Antropológico: mapeamento e fortalecimento das ações de combate a Covid-19”, vinculado à Universidade Federal da Paraíba. Parte de um olhar de uma sanitarista, recém ingressa no curso de doutorado em Antropologia Social do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da mesma instituição, que se encontra com a oportunidade de participar de uma forma coletiva, comunitária e solidária, de reinvenção e resistência acadêmica frente aos desafios que se colocam com a pandemia.

PALAVRAS-CHAVE:

Covid-19. Antropologia. Extensão universitária. Isolamento social.

ABSTRACT:

Covid-19’s impacts are evident in the most different spheres of society, albeit unevenly. Beyond the scientific race in the search for a cure for disease and by ways of minimizing its effects, impose challenges for coping with affections and everyday difficulties. Thus, this narrative aims to share reflections on the call for reinvention, so common in pandemic times, focusing on the experience of participating in the University Extension project “Anthropological Observatory: mapping and strengthening actions to combat Covid-19”, linked to the Federal University of Paraíba. Part of a look from a sanitarian, recently entered the doctoral course in Social Anthropology of the Program Graduate Program in Anthropology at the same institution in its meeting with the opportunity to participate in this collective, community and solidarity initiative, reinvention and academic resistance to the challenges posed by the pandemic.

KEYWORDS:

Covid-19. Anthropology. Community outreach. Social isolation.



A NARRATIVA

Desde que cresceu o desejo de partilhar a experiência de enfrentamento à pandemia, senti-me convocada a pensar a reinvenção de rotinas, trabalho, troca de afetos e, em especial, o cursar uma pós-graduação frente à orientação do Estado para a adoção do isolamento social como forma cidadã de colaborar com a contenção da disseminação do novo coronavírus, causador da covid-19. De lá para cá, a música *Pra não dizer que não falei das flores*, composta por Geraldo Vandré em 1968, acompanha meus silêncios, emoções e alimenta a coragem de seguir “caminhando”. Tomo a canção como uma metáfora para me referir à oportunidade de caminhar, juntamente com outras pessoas, por uma das estradas reinventadas como reação ao contexto de pandemia. Falo do Observatório Antropológico, semeado, cultivado e em florada nas e entre as estradas que cruzam os *campi* da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e que compõe o quadro de docentes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA).

Para contar a história dessa florada apresento, primeiramente, as fontes nas quais minha narrativa se alimentou(a), ou seja, parte do meu percurso e, em seguida, o Observatório Antropológico ao qual me refiro e alguns frutos já colhidos.

Assim, o objetivo deste texto é: tecer reflexões acerca de ‘reinventar-se’ na academia frente aos desafios postos pela pandemia, tomando como foco a experiência de participação no “Observatório Antropológico: mapeamento e fortalecimento das ações de combate a Covid-19”, vinculado à Universidade Federal da Paraíba.

Narro, principalmente, enquanto acadêmica, mas afetada por minha trajetória de vida e a repercussão da covid-19 nas esferas privada e pública. É aqui que Geraldo Vandré me faz lembrar os anos de luta das décadas de 1960 e 1980, conhecidos ou vividos, na esperança de tempos menos desiguais, mais justos e solidários.

Parto de um duplo olhar: um, enquanto doutoranda em Antropologia pelo PPGA/UFPB, e, através deste, como aluna voluntária¹, atuante no Observatório; e, outro, enquanto sanitária, trabalhadora do setor de Vigilância Epidemiológica (VE)

¹ A ação de Extensão ‘2020 - Observatório Antropológico: Mapeamento e fortalecimento das ações de combate ao Covid-19’, com período de 01/05/2020 a 30/12/2020, coordenada por Aina Guimaraes Azevedo e em execução, na qual estou inserida como Membro do tipo “aluna voluntária”.



da Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa (SMS-JP). Além de trazer o broto de uma semente empírica devido à minha participação no Observatório, conto com o depoimento de uma interlocutora, a professora Patrícia dos Santos Pinheiro, idealizadora da referida iniciativa. Sua resposta foi inspiradora para a construção desses apontamentos.

O ENCONTRO COM AS FLORES SEMEADAS NOS CAMPI DO OBSERVATÓRIO

Para contar sobre o encontro com o Observatório, retomo minha trajetória profissional. Atuo em uma das áreas da Saúde Pública que fora e tem sido mais evidenciada com a chegada da pandemia, a Vigilância Epidemiológica (VE), mesmo que não diretamente com os agravos transmissíveis, nos quais a covid-19 está inclusa.

De modo geral, os grupos de trabalhadores da VE, nas instituições públicas de saúde, estão todos no mesmo barco: o barco Salvar Vidas. Ainda que, como uma de suas tripulantes, precisei me manter fora dele e em isolamento social, o que permitiu um reposicionamento do meu olhar profissional e o afastamento das tensões vivenciadas diretamente por aqueles que estão no *front*².

Como um antropólogo, que realiza o movimento de “estar lá” e “estar aqui” (GEERTZ, 1998), esse deslocamento oportunizou outros tempos de reflexão, por vezes intensos e reflexivos e, sobretudo, um novo local de observação sobre a doença e seus desdobramentos, o campo da extensão universitária.

Dessa forma, na mesma velocidade de chegada da pandemia, me vi, de uma hora para outra, distante da equipe de trabalho a qual componho e do meu principal objeto de trabalho, a VE das violências interpessoais e autoprovocadas, nas quais se insere o suicídio. Ao mesmo tempo, fui sendo afetada por preocupações relativas ao agravamento de ocorrências em situação de isolamento social, tais como a violência doméstica e o suicídio, possivelmente tensionadas nos contextos de vida de moradores de periferia. Preocupações que remetem às condições estruturais de adesão ao isolamento social.

² No universo militar, é a linha de frente de um campo de batalha. Na pandemia, são os locais de atuação dos profissionais que estão frente a frente com as ocorrências de adoecimento e morte por covid-19.



Sensibilizada com os problemas sociais causados pela covid-19 e sua implicação sob os processos de violência, cresce dia e noite uma inquietação relativa às possibilidades de contribuição nesse contexto, vislumbrando: 1) a relação entre a covid-19 e o suicídio e 2) a contextualização das políticas de prevenção ao suicídio durante a pandemia, meu objeto de pesquisa para doutoramento. As inquietações que se repetem são: como fazer essa contribuição, estando afastada do *front*, do local onde trabalho, um espaço privilegiado de acesso e análise da informação? Ou ainda fazer essa contribuição enquanto os olhos da saúde estão massivamente voltados para a covid-19 na produção de números sobre adoecimento, mortes e curvas de tendência e, num contexto em que dados sobre outros agravos, como o suicídio, sofrem uma preocupante invisibilidade?

Como acadêmica, costumo dizer que venho me descobrindo antropóloga. Aos 53 anos de idade, recém-ingressa no curso de doutorado em Antropologia, há 17 anos egressa de uma formação em Saúde Pública e há anos afastada das salas de aulas, enquanto docente, sempre tive grande atração pela antropologia por acreditar que, a exemplo desta pandemia, esse é um lugar privilegiado de falar e fazer para além dos números. Estar doutoranda traz uma sensação de vitória, uma luz para desbravar caminhos e, ainda, vigor para contribuir frente a contextos que acompanham minhas inquietações pessoais e profissionais, como a desigualdade escancarada pela pandemia e a dificuldade ou (im)possibilidade de enfrentamento a covid-19 pelas populações em situação de vulnerabilidade social.

Porém, mesmo tentando seguir com resiliência, uma neblina se fazia constantemente naqueles dias de início de março de 2020. Diante do agravamento do cenário epidemiológico da doença na Paraíba, em 17 de março, o PPGA/UFPB optou em dar continuidade às aulas de maneira remota, não presencialmente, e através de tecnologias de informação largamente disponibilizadas no momento. Em poucas semanas, dada a situação desigual de discentes quanto às condições sociais e de acesso a meios facilitadores de atividades remotas, somada às projeções de duração da pandemia em nosso território por, no mínimo, alguns meses, tornou-se insustentável a manutenção das atividades na forma inicialmente adotada. Assim, em 17 de abril, a decisão

colegiada pela suspensão do semestre letivo foi tomada³. Houve ampla participação dos discentes no processo decisório, sendo a desigualdade de acesso às ferramentas para atividades remotas e as condições emocionais, os principais argumentos.

“Pra não dizer que não falei das flores”, ei-las aqui. Não apenas em um dos fronts da crise sanitária, evidenciada no Brasil com a covid-19, mas frente às perdas de conquistas políticas, sociais e na educação, conquistadas nas últimas décadas.

Sob um tempo incerto e nebuloso, nas estradas da Extensão Universitária, regadas por um composto de resistência, união e antropologia, um grupo de pesquisadores e alunas vinculado ao PPGA/UFPB inicia o plantio no Observatório Antropológico. Com determinação sobre a necessidade de “sucumbir ao individualismo”, conforme expressão de minha interlocutora, o grupo inicia a construção de uma iniciativa germinada a partir de duas sementes: reflexões antropológicas e práticas de intervenção social. O trabalho foi tomando forma e segue crescendo, motivando a chegada de pesquisadores e discentes.

Como flores nascendo em tempo de neblina, fica evidente uma disposição de união brotando, como me conta Patrícia: “Aos poucos, as pessoas foram se motivando mais para uma atividade coletiva. (...) é bem importante isso, porque a gente tá num momento de muita dificuldade de trabalho coletivo, de muita dificuldade de compartilhamento de ideais e ideias”.

Não com o mesmo teor revolucionário dos anos 1968, mas com um tom de chamada para a ação, a música de Vandrê volta a ecoar: “Vem, vamos embora, que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora não espera acontecer”. E, assim, as três atuais coordenadoras do projeto, as professoras Aina Guimarães Azevedo, Rita de Cássia Melo Santos e Patrícia dos Santos Pinheiro se deram as mãos e foram cada qual assumindo seu protagonismo para um fazer acontecer coletivo.

Foi com esse som, “proatividade”⁴, sem temor e guiados pela crença na força de alcance da extensão universitária, que o reduzido grupo de docentes e discentes se dispuseram a seguir caminhando e reinventando-se diante da necessidade de atua-

³ Informe PPGA sobre decisão de suspensão de atividades de aulas de modo presencial e remoto, publicado em 22/05/2020. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/ppga/>. Acesso em: 31 maio 2020.

⁴ Termo utilizado por minha interlocutora em seu depoimento para caracterizar o momento que antecede à necessidade de ação, especificamente, no espaço das Universidades.



ção frente à previsível situação de agravamento da fragilidade social que as comunidades com as quais trabalhavam viriam a sofrer com a chegada da covid-19.

Assim, frente a um problema social que se evidenciava, o querer fazer e a necessidade de atuar desenharam o objetivo inicial do Observatório: “estimular formas de enfrentamento das desigualdades sociais que se acirram com a epidemia” (PINHEIRO; SANTOS, 2020, p. 2). O caminho inicial vislumbrado foi o de criação e o fortalecimento de redes de apoio a populações indígenas, quilombolas, comunidades ciganas e periféricas urbanas.

Conforme Pinheiro e Santos (2020), é importante ressaltar que o fato da existência de laços prévios das investigadoras e investigadores com essas comunidades, ao mesmo tempo em que deu sentido à iniciativa, foi a razão pela qual o processo se iniciou e ganhou fluidez.

Mas, como dar conta das demandas que, rapidamente, começaram a chegar? Assim como outras pessoas, hoje membros do grupo, foi esse momento o qual recebi o convite para me unir à iniciativa e vislumbrei um caminho necessário e profícuo para reinventar a maneira de trabalhar o alcance dos dados epidemiológicos sobre a covid-19 e, também, sobre as violências. Sigo, construindo.

OBSERVATÓRIO ANTROPOLÓGICO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A partir de um trabalho colaborativo entre pesquisadores em diferentes níveis de formação e áreas⁵, as sementes do Observatório Antropológico, plantadas em campos e entre grupos populacionais diversos, brotaram e floresceram.

O primeiro ponto para compreensão do que significa o observatório é pensá-lo como um trabalho coletivo. [...] Em um momento em que tranquilidade não é a palavra mais acionada [...] surgiu a proposta do Observatório, que não representava continuidade na normalidade instituída, sim uma realocação das nossas ações para demandas mais prementes da sociedade da qual fazemos parte (PINHEIRO; SANTOS, 2020, p. 106)⁶.

⁵ Rita de Cássia Melo em entrevista ao grupo do Projeto Internacionalização Descentralizada em Foco (Departamento de Relações Internacionais/UFPB) em 13/07/2020. Disponível em <https://www.ideal.ufpb.com/entrevista-rita-de-cassia>.

⁶ Para conhecer mais sobre a história e dinâmica de organização do Observatório, o desenvolvimento de suas ações e projetos, acessar o artigo referenciado e a plataforma online <https://observantropologia.wixsite.com/ufpb> e a rede social <https://www.instagram.com/observantropologia/>.



Inspirada pela fala de minha interlocutora, ousou dizer que o Observatório Antropológico é uma dessas iniciativas “cavadas à unha” pela sua idealizadora e o grupo que, ao seu lado, cultivou essa iniciativa. Diante das incertezas do que estaria por vir, mas com a certeza de que as comunidades onde desenvolvem suas pesquisas teriam agravadas sua situação de vulnerabilidade, esse grupo, de forma ética e solidária, primando pelo diálogo e a articulação entre os envolvidos, foi capaz de tomar a estrada da extensão universitária e, ainda, de espalhar o reinventar-se num espaço acadêmico onde docentes e discentes se encontravam fragilizados e “entorpecidos” diante da chegada da pandemia em nosso território.

De forma interessante, alunos e professores foram se unindo, numa relação horizontal, superando as limitações de acesso e disponibilidade a ferramentas de comunicação remota, postas como dificuldades para, por exemplo, a continuidade das aulas de maneira não presencial. Não quero dizer com isso que são situações semelhantes. Pelo contrário, quero ressaltar o motivo pelo qual resolvi escrever essa narrativa: o fato de uma iniciativa ser capaz de promover a união, fazer frente a necessidades sociais locais e estimular a aprendizagem e a solidariedade. Como diz Patrícia, “é preciso lembrar que a extensão universitária é um dos pilares da Universidade. É importante pra todo mundo”, tão caro em contextos de crise pelas quais o mundo vêm atravessando, a exemplo da pandemia.

E o resultado vai aparecendo. Já conseguimos colher flores que seguem se multiplicando entre as estradas que cruzam a UFPB e as diversas comunidades com as quais mantemos interlocução. Além das campanhas e iniciativas solidárias que possibilitaram ações emergenciais de produção e distribuição de alimentos, sanitizantes e equipamentos de proteção individual, temos o trabalho de mapeamento do avanço da covid-19 entre indígenas Potiguara e Tabajara; Informes Epidemiológicos e Boletins Indígenas; Narrativas e Vivências e depoimentos de pessoas afetadas de modo singular pela covid-19; podcast Observantropologia (nos quadros Pílulas Antropológicas e Antropologia à conta-gotas) com a participação de pesquisadores e estudantes veiculando a informação e o diálogo que não aparecem na mídia comum e outras flores que vão brotando e podem ser apreciadas diariamente através das redes sociais referenciadas.



Finalizo esta narrativa recorrendo novamente a Patrícia ao lembrar suas primeiras experiências no campo da extensão. Em seu depoimento, ela deixa escapar a crença que impulsiona o trilhar iniciativas como o Observatório: “fazendo ações de extensão [pausa] é como se eu tivesse sido apresentada para uma outra universidade, sabe?... Mas não é outra universidade, é a universidade que as pessoas estão construindo”.



REFERÊNCIAS

GEERTZ, Clifford. O dilema do antropólogo entre “estar lá” e “estar aqui”. **Cadernos de Campo**, São Paulo, 1991, v. 7, n. 7, p. 205-235, 30 mar. 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v7i7p205-235>> Acesso em: 30 maio 2020.

PINHEIRO, Patrícia dos Santos; SANTOS, Rita de Cássia Melo. Observatório Antropológico: mapeamento e fortalecimento das ações de combate ao Covid-19 na Paraíba (PB), Nordeste do Brasil. **RSBE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v.19, n. 55, abril de 2020. Suplemento Especial – *Pensando a Pandemia à luz da Antropologia e da Sociologia das emoções*, pp. 101-111, maio de 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao.html>> Acesso em: 15 maio 2020.

Recebido em: 13/06/2020

Aceito para publicação em: 20/07/2020

